

2º FESTIVAL

**mar
gem
visual**

PERFORMANCE
PERIFÉRICA

Organização:
Mó Coletivo
(Carolina Rodrigues, Laís Castro e Mery Horta)

Mó
coletivo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

II Festival Margem Visual [livro eletrônico] :
performance periférica / organização Laís
Castro, Carolina Rodrigues, Mery Horta. --
1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. dos Autores,
2023.
HTML.

Vários colaboradores.
ISBN 978-65-00-60108-4

1. Artes visuais 2. Cultura 3. Dança - Aspectos
sociais 4. Performance (Arte) 5. Periferias urbanas
I. Castro, Laís. II. Rodrigues, Carolina. III. Horta,
Mery.

23-141236

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Performance : Artes visuais : Arte 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

2º FESTIVAL



ORGANIZAÇÃO:
MÓ COLETIVO



SUMÁRIO

	06	
APRESENTAÇÃO		
	08	
PERFORMANCES DO FESTIVAL		
Mery Horta	.10	
Texto de Carolina Rodrigues		
Laís Castro	.14	
Texto de Carolina Rodrigues		
Almeida da Silva	.18	
Texto de Carolina Rodrigues		
Patfudyda	.22	
Texto de Mery Horta		
Theuse Luz de Pavuna	.26	
Texto de Mery Horta		
Gaba	.30	
Texto de Mery Horta		
Pamella Magno	.34	
Texto de Laís Castro		
Cia Coletiva Resistência		
Bellyblack	.36	
Texto de Laís Castro		
Crislaine Tavares	.40	
Texto de Laís Castro		
		44
ARTISTAS CONVIDADAS		
Idris Bahia	.46	
Mariana Maia	.50	
		54
FICHA TÉCNICA		

APRESENTAÇÃO

A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e a Secretaria Municipal de Cultura apresentam o 2º Festival Margem Visual: Performance Periférica, com curadoria e realização do Mó Coletivo, representado por Carolina Rodrigues, Laís Castro e Mery Horta, realizado no dia 3 de setembro de 2022 no ponto de cultura Escambo Cultural, e no dia 17 de setembro de 2022 no Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira.

Em sua primeira edição presencial, no segundo ano de existência, o Festival Margem Visual: performance periférica nos trouxe uma experiência totalmente diversa em relação ao que se poderia esperar de um festival de performance. O trânsito entre regiões centrais e periféricas, sempre referenciado pelo Mó Coletivo, nesse momento ganha diversas camadas de sentido.

Proporcionando experiências díspares, mas também complementares, o Festival contou

com uma pesquisa curatorial que selecionou, através de edital aberto, as artistas Almeida da Silva e Crislayne Tavares com performances ao vivo; Gaba Cerqueda, Patfudyda e Cia Coletiva Bellyblack com fotoperformances; e Pamella Magno, com videoperformance. Nossa equipe também movimentou recursos para selecionar uma sétima coletiva, a House of Bushido, que fechou os dois dias de festival com uma ball voguing.

Por um lado, ocupamos a Zona Oeste da cidade, região de origem das curadoras, mas em uma localidade muito peculiar, sendo uma área residencial de uma classe média militarizada, com referências políticas, sociais, religiosas e imagéticas muito diversas da proposta do Festival. Mesmo acolhidas pelo Escambo Cultural, espaço de resistência artística em Sulacap, não tínhamos como passar despercebidas. Causamos ruídos, alteramos a paisagem, criamos novas relações com o

percurso de trabalhadores e com os espaços de lazer das famílias presentes.

Em um segundo momento, estávamos na região central da cidade, mas nos sentindo em casa. Era a Pequena África, bairro da Gamboa, que entendemos ser a periferia do Centro do Rio de Janeiro. Nossas ações tiveram o sentido de agregação e continuidade com tudo o que vem sendo desenvolvido nesse cenário cultural, principalmente pela parceria com o Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira. Fomos acolhidas, também, pela comunidade no entorno, cujos estabelecimentos cederam espaço para a exibição das fotoperformances em lambe-lambe.

Elaborar um festival que tenha como proposta estabelecer recortes territoriais pode levar a percepções que levem a um entendimento exotizante ou estimular olhares de investigação antropológica. No entanto, as artistas selecionadas abrem infinitas possibilidades de interpretações das obras apresentadas. Aqui, a margem vai além da localização geográfica e se transforma em um portal para a dimensão onírica que parte de vivências pessoais que provocam identificações coletivas. Esses

imaginários compõem a reconstrução de memórias e saberes que foram interrompidos na diáspora forçada e nos processos de degradação das estruturas sociais, religiosas e afetivas que afetaram principalmente as populações negras em nossa cidade, mas também em muitas outras localidades.

Sendo assim, as performances apresentadas suspendem nossa percepção do tempo, do espaço e das dinâmicas das sujeitas envolvidas, adensando as cisões das estruturas de um sistema de arte pautado na colonialidade. Abordando as relações comestéticas, memórias e saberes afro-diaspóricos em dinâmicas de cura, de proteção, de cuidado, de acolhimento e contra-ataque, as artistas proporcionam uma experiência onde pessoas racializadas e marginalizadas possam existir e respirar em segurança, com a certeza de ter suas narrativas contempladas por visualidades, movimentos e sonoridades diversas. É nesse momento que passamos de dinâmicas de denúncias das injustiças das estruturas estabelecidas para direcionar nossos olhares e nossas produções para as comunidades que nos formaram.

- Carolina Rodrigues

PERFORMANCES DO FESTIVAL

MERY HORTA

Vence demanda

Videoperformance

Os pés de uma mulher negra chegam em um território entrando em contato com diversas materialidades: dura, áspera, macia, arenosa e viscosa, incluindo a lama de um manguezal que cobre a superfície e se funde à visualidade de sua pele, remetendo à ancestralidade fundante das cosmogonias ancestrais afro-indígenas. O movimento de quem pisa devagar, desbravando aos poucos esse território, vai evoluindo na medida em que a videoperformance avança no tempo, interagindo com elementos

minerais e vegetais, de matéria orgânica viva ou da poluição que avança sobre territórios periféricos como consequência do racismo ambiental. Mery Horta realiza esta performance em Barra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e, mobilizando as energias presentes nesta localidade, confabula possibilidades de reconfigurar as dinâmicas que atingem essa população, seja através da organização violenta de poderes paralelos e também institucionalizados, seja através da degradação do bioma circundante.

- Carolina Rodrigues





LAÍS CASTRO

Trilha marginal.2

Performance ao vivo

Na performance ao vivo Trilha Marginal.2, Laís Castro adentra os espaços trajando uma camisa do Flamengo, máscara de bate-bola e um chocalho de artesanato indígena. Ao fundo, tocam músicas da turma “KND de Realengo”, atuante no Campo do Periquito, da qual a performer faz parte. Com diversas referências às matrizes afro-indígenas e aos movimentos coletivos dessa expressão carnavalesca suburbana, a artista reivindica, através de seus movimentos, o protagonismo do corpo da mulher negra na construção

cultural e intelectual nestes territórios. A marginalização dos símbolos das culturas populares cariocas aqui dá lugar a uma construção imagética que reconfigura a noção de centralidade das referências artísticas contemporâneas. Sozinha, a performer se infiltra e interage com o público, nos convocando a integrar um movimento que é essencialmente coletivo, expondo, então, a dissonância entre um sistema de arte que valoriza o gênio individual em contraponto às cosmovisões dos povos subalternizados que, historicamente, tem elaborado ferramentas de resistência material e subjetiva através da colaboração de diversos componentes de um mesmo grupo. Nesse sentido, ninguém melhor para representar essas dinâmicas que as turmas de bate-bolas.

- Carolina Rodrigues





ALMEIDA DA SILVA

X e Y

Performance ao vivo

Almeida da Silva trouxe duas propostas complementares para os dois dias do Festival Margem Visual. Explorando e revertendo a binaridade presente no pensamento cartesiano que produz fraturas diversas em nossas existência, como as oposições entre margem e centro ou as determinações biologizantes para as identidades gênero, a artista explora as materialidades do sal e da purpurina como vetores para firmar códigos e portais de contato com planos espirituais. Na Praça Mário Saraiva, em Sulacap, foi realizada

a performance X e, na Praça da Harmonia, na Gamboa, foi realizada a performance Y. Conjurando movimentos em meio a essas demarcações simbólicas, Almeida faz emergir o conceito de encruzilhada, que é associada à circularidade e às presenças de forças imateriais nas cosmogonias yorubás, subvertendo a colonialidade presente nestas grafias. É a partir destes atos performáticos que são fabuladas as possibilidades de reconstruir os fragmentos das memórias diaspóricas, integrando mundos simultâneos e sobrepondo temporalidades distintas, mesmo em territórios tão diversos.

- **Carolina Rodrigues**





PATFUDYDA

Não há nenhum lugar de permanência absoluta

Fotoperformance

Uma ninja, uma personagem de videogame, uma reinvenção de si para reelaborar sistemas de sobrevivência num mundo violento e hostil. Aqui a prática da autodefesa, que pode se dar de diferentes formas, é encenada por meio da imagem de uma corpa preta que ronda uma cidade como o Rio de Janeiro trajada de rosa e em posições de ataque. Nessa manifestação performática que transita entre o deboche e a autoafirmação, a artista Patfudyda realiza

uma série de fotoperformances que foram impressas e coladas nas ruas dos bairros de Sulacap e Gamboa, como uma declaração de presença desse corpo negro, bicha, como um espaço de resistência e de re-existência em meio ao espaço urbano de uma sociedade que ainda mostra sinais de preconceito com os corpos que desviam do padrão.

- **Mery Horta**





THEUSE LUZ DE PAVUNA

Ballroom Bushido

Performance ao vivo

Para um olhar desatento, a performance Ballroom, liderada por Theuse Luz de Pavuna e contando com a participação de suas filhas da House of Bushidô, pode parecer uma festa. Mas, para além de uma celebração da vida desses corpos que marcam sua existência através de uma dança pulsante, a performance é uma forma de manutenção de um espaço de afeto, acolhimento e fortalecimento das identidades, como as houses da cena ballroom. Corpos cotidianamente tratados como margem da

sociedade, por não se limitarem a padrões e normas de gênero e de comportamento, encontram nas suas houses e na ball um local de valorização de si, de encontro com outros que se veem com as mesmas questões, e, principalmente, criam um espaço-tempo de transgressão dessas energias tão reprimidas nos espaços convencionais da sociedade. A ball da House of Bushidô fortalece os corpos trans, travestis, gays, lésbicas, através da dança e de uma expressividade particular de cada uma dessas personas, onde identidade, dança e representatividade de gênero se fundem e fluem para a performance que se apresenta ao vivo.

- Mery Horta





GABA

Aparições

Fotoperformance

Na série de fotoperformance Aparições, a artista Gaba reestrutura o espaço da casa com objetos, cores, texturas e volumes que dão uma ambiência a cada uma das diferentes personagens que ela traz em suas fotografias. O rosto é coberto por algum tipo de máscara, plantas são trazidas ao olhar e um cômodo comum se transforma em um espaço lúdico e imaginativo onde esse corpo que não revela o sexo, o rosto, estabelece uma aura de mistério. A artista desloca o senso de realidade do espaço cotidiano da

casa periférica e insere um jogo com as cores e materialidades, instaurando uma atmosfera fantástica através de seu corpo em posições e gestos que nos conectam com suas fotoperformances. Ao serem coladas nos espaços públicos dos bairros de Sulacap e Gamboa, as fotos se destacam desse ambiente urbano, trazendo o dentro dessa casa fantástica para o fora das ruas.

- **Mery Horta**



PAMELLA MAGNO

Maracatu Suburbano

Videoperformance

Debaixo do viaduto, cresce um monumento! O caboclo de lança do maracatu rural viaja do nordeste ao sudeste no imaginário da artista e chega batebola. Pamella evoca uma figura, emblema de seu maracatu do subúrbio carioca, uma mistura de sentidos em cores que vibram, formas que pulsam. Quais cores compõem esse espaço? Tecer aproximações entre culturas negras periféricas de tradições e marcos de surgimento distintos é uma possibilidade de pensar o tempo que se materializa no agora, espiralando-se em memórias e atualizando as noções de ancestralidade. Imaginar o próprio corpo de

um tamanho irreal, gigante para uma pessoa é um procedimento de se projetar para fora. Volume e extensão compõem esse portal energético, uma instalação que emana uma frequência; a promessa da artista é de que dez minutos em contato com a obra bastam para um bem estar físico e emocional operar no corpo. Um batebola, figura que produz fascínio e receio, que ao se mascarar revela muito. Uma homenagem, um aceno à sensação de pertencimento, um monumento de passagem.

- Laís Castro



CIA COLETIVA RESISTÊNCIA BELLYBLACK

Opanijé: a dança da T(t)erra

Fotoperformance

A Cia Coletiva Resistência Bellyblack apresenta um trabalho com vocação em associar ideias que podem, em um primeiro olhar, parecer contrastes: movimentos de dança revelados a partir de imagens fotográficas, em princípio, estáticas, ou mesmo trazer Omolu, um oboró, na performatividade de corpos de mulheres. No entanto, as noções filosóficas afro centradas nos ensinam os caminhos de encruzilhada, permitindo o vislumbre de mais conexões que frações. Em um momento pós-pandemia é significativo manifestar uma saudação à Omolu, orixá da cura e saúde. A conexão

com a terra para esse processo é primordial. Da terra nasce. À terra saudamos, força ancestral que pare este orixá. O grupo que se denomina uma coletiva em resistência apresenta uma perspectiva de mulheres pretas na dança do ventre, estética que foi embranquecida. Deste ventre-terra busca-se reconexão, comunhão e acolhimento, desde as rendas de suas saias ao momento de estar em salto fora do chão mas essencialmente conectadas à terra.

- Laís Castro





CRISLAINE TAVARES

Rito de passagem sobre manto de acalanto

Performance ao vivo

Em um espaço repousam sessenta taças de vidro com formato exagerado do corpo de uma mulher. As taças estão cheias de um líquido vermelho e dispostas em círculo. Dentro do espaço circunscrito pelas taças dois vasos e flores brancas se destacam. Lentamente a performer derrama o líquido das taças nos vasos proferindo palavras de dor e cura, o público testemunha o ato. São palavras que se manifestam a partir da necessidade. Rito de passagem sobre manto de acalanto faz parte da série Não sou um objeto único, e

propõe de fato um ritual que parte da aflição de tocar na ferida da objetificação de mulheres negras. Como afirma a performer em poesia feita para a ação: “é preciso ter força para fechar os ciclos, (...) desfaço para seguir, me encho, me preencho em algo que me acalma para que eu possa vestir o manto de acalanto e receber as flores que eu sempre quis receber.” Do objeto ao cuidado, cada elemento se constrói cuidadosamente para esse fim. Cuidado de si, cuidado para com as outras.

- Laís Castro





ARTISTAS CONVIDADAS

IDRIS BAHIA

Essa Maria não sou eu

Performance ao vivo

“Essa Maria não sou eu” nasce do desejo de falar/dançar as mulheres sertanejas que ressignificaram seus papéis sociais e familiares a partir da implementação do programa de assistência social Bolsa Família, instituído em outubro de 2003, pelo Governo Lula. A criação coreográfica constrói uma narrativa sobre a potência do feminino e seus significados em meio à ideologia que abrange o pensamento de uma sociedade patriarcal, onde a mulher é obrigada a desempenhar deveres a partir de signos considerados naturais à ordem social vigente.

A apropriação do corpo feminino atua primeiramente na perda de sua subjetividade, no que diz respeito ao fato de que a dominação masculina sobre as mulheres tem em seus desdobramentos o apoio das instituições sociais e culturais que continuam a reproduzir e fundamentar a submissão desses corpos. Essa dança é um grito silencioso de desabafo e desobediência contra o sistema de violência física e simbólica que pesa sobre o corpo da mulher e tudo que está relacionado ao feminino.





MARIANA MAIA

Já temos assento

Performance ao vivo

Inspirada por uma gravura de Francisco Goya, gravura nº 26, “Ya tienen asiento”, da série Los Caprichos, a artista compõe uma performance. A gravura em questão apresenta a seguinte nota em manuscrito que se encontra no Museu do Prado e na Biblioteca Nacional da Espanha: “Para que las niñas casquivanas tengan asiento no hay mejor cosa que ponérselo en la cabeza” e “Muchas mujeres solo tendrán juicio, ó asiento en sus cabezas, cuando se pongan las sillas sobre ellas.”.

“Já temos assento” busca outros significados para a gravura de Goya. As mulheres têm

buscado seus assentos, tem lutado por seu lugar na sociedade. Um jogo de equilíbrio, uma dança, onde um pequeno vacilo pode derrubar o almejado assento. Nossas saias, símbolo de feminino no ocidente, se transformam em um véu, ou manto, que encobre nossas ações. A performance ainda coloca a questão: Quando cabeças podem estar assentadas? Faz assim referência a nossa ancestralidade e as religiões de matrizes africanas, onde nossa espiritualidade ganha forma através dos assentamentos do candomblé. Estranha figura assentada atravessa a cidade em busca de um assentamento para sua arte preta, feminina, marginal.





FICHA TÉCNICA

Direção de produção: Carolina Rodrigues e Mery Horta

Curadoria: Carolina Rodrigues, Laís Castro e Mery Horta

Produtor assistente: Ramon Alcântara

Artistas e coletivos participantes: Almeida da Silva, Cia Coletiva Resistência Bellyblack, Crislaine Tavares, Gaba Cerqueda, House of Bushido, Pamella Magno e Patfudyda

Artistas convidadas: Idris Bahia e Mariana Maia

Designer: Thiago Fernandes

Redes Sociais: Carolina Rodrigues

Assessoria de Imprensa: Marrom Glacê

Fotografia: Thaís Alvarenga

Filmagem: Azeviche Filmes

Revisão textual: Ramon Castellano

Coordenação financeira: Mery Horta

Apoio: Escambo Cultural e Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira



FOMENTO:



CULTURA

REALIZAÇÃO:



APOIO:



